

PAOLA D'AGOSTINO

Ocupação da mãe


COMPANHIA DAS LETRAS



Todos os sons

No Instituto Inhotim, museu brasileiro dedicado à relação entre arte e natureza, há uma galeria transparente chamada *Sonic Pavilion*, obra do artista Doug Aitken. É um cilindro de vidro, onde nos sentamos no abraço da paisagem enquanto escutamos a amplificação de um som, um único som, composto de múltiplos ruídos. Uma espécie de sopro grave, encorpado. Provém de um ponto no chão que é a porta de saída de uma captação sonora, o último troço de um canal escavado na terra através de um poço com duzentos e dois metros de profundidade. A soma dos ruídos produzidos ao longo do percurso, do fundo até à superfície, é a vida interior do corpo da terra (areia, rochas, tremores e choques), captada através de um microfone, ou melhor, de uma série de microfones colocados em pontos sucessivos do canal. Aquilo que ouvimos é a voz do subsolo, um poderoso registo sónico que atravessa o silêncio, literalmente, para chegar até nós. Um silêncio resgatado.

A escrita é uma variação desse microfone, o instrumento que usamos para sondar lugares remotos do nosso universo, permitindo que um som indefinido atravessasse o vazio e seja partilhado, partilhável. Ou melhor: a escrita é o conjunto

todo dos microfones, posicionados em sítios diferentes ao longo do canal, para que sejam captados os diversos instantes materiais do sopro. O som que nos alcança depende do lugar onde posicionamos o microfone — do lugar onde nos situamos na carne do texto ao captarmos a ressonância das coisas. Assim, do ponto a partir do qual decidirei posicionar a escrita dependerá a ressonância das minhas palavras.

Por isso situei aqui, no canal que trespassa a respiração da Terra, o início deste livro-utopia, tentativa de resgatar do remanso do pó a minha mais secreta fábula: a mãe que não conheci.

*

Era uma vez uma mulher, assim começa a fábula. Não. Era uma vez uma rapariga, que fica grávida enquanto enfrenta um ciclo de quimioterapia e que tem de fazer uma escolha: suspender o tratamento e esperar o bebé, ou prosseguir o tratamento e interromper a gravidez. Estamos em Itália, em 1975. O aborto ainda é ilegal, embora esteja em marcha o processo que levará à despenalização. Esta não é somente a história da minha mãe e não é uma questão privada, já que com esta circunstância se deparam — e virão a deparar-se — muitíssimas outras mulheres, em todo o mundo. Não é só a nossa história que conto aqui, mas qualquer outra história que poderia ter sido a nossa.

A minha mãe chamava-se Ida Maria.

.....

*

Que todos nós, no mapa-mundo, somos o fruto de uma ocorrência fortuita, que estamos sujeitos à lunática erosão da geografia, é uma constatação furiosa, a que cheguei por acaso, numa viagem ao Laos. Em Vientiane, num passeio à beira do Mekong, três rapariguinhas, de pé, atrás de uma banca protegida pela sombra de um chapéu de sol gasto, vendiam bilhetes de lotaria. Um letreiro improvisado dizia «Lao Lottery» e parecia dirigir-se a mim, como se a dizer-me que a primeira lotaria da vida é a que marca num ponto qualquer do globo o lugar e o tempo em que nascemos. Cada aventura humana depende do ponto onde nos calha nascer, da lotaria que assim nos é destinada. Para as mulheres, esta lotaria é mais determinante.

Pouso o dedo no meu globo iluminado e percorro o mapa, até chegar a uma baía minúscula, um ponto quase impercetível no tecido do planeta. É o golfo onde nasci. A mulher que ali encontro é a minha mãe.

*

Ida Maria interrompeu a quimioterapia e levou a gravidez até ao fim. Teve uma filha durante vinte e cinco meses, depois morreu. A minha mãe e eu coincidimos no tempo e no espaço durante cento e cinquenta semanas, gestação e despedida incluídos. Só sei escrever sobre ela nesta língua que não é minha, nossa, porque uma língua que seja

.....

inteiramente nossa não há, nunca houve. Somos a utopia de um idioma, a minha mãe e eu. Nunca terei uma língua materna, porque nunca falei com ela, para ela, com consciência linguística. A última vez que estive ao meu lado, viva, eu tinha dois anos e ela, trinta e nove. Que palavras me terá dito? Que palavras terei eu tentado dizer-lhe? Bastarão para compor uma língua materna?

*

Todos os anos, no primeiro dia de escola, a nova professora informava-se sobre a mecânica da família de cada aluno.

— Qual é a profissão do teu pai?

— Comerciante — respondia eu.

Esta era a pergunta fácil.

— E a ocupação da mãe?

Aí, eu pronunciava a fórmula treinadíssima:

— A minha mãe morreu.

Logo a seguir, acrescentava:

— Posso ir à casa de banho?

Quando voltava do meu passeio pelo corredor, já todas as crianças se tinham esquecido de ter pena de mim. Foi a primeira estratégia de fuga que concebi.

De facto, a minha mãe ter morrido era a única informação que eu possuía acerca dela, ou a única que sabia manejar. Estar morta era a única ocupação que eu lhe conhecia.

Durante décadas, não consegui sequer pronunciar a única palavra que só a ela pertencia: *Mãe. Mamma. Mamã.*

.....

Se uma palavra, para entrar na dimensão da língua enquanto nome, precisa de instaurar uma magia de correspondências, à minha língua faltava esse golpe. Faltava-me traduzir para um nome o conjunto de letras que, não tendo eu experiência e frequência da palavra, ficava aquém da magia da nomeação. Uma palavra é ao mesmo tempo apelo e revelação, diz Walter Benjamin. Assim fui cortejando a revelação, ao longo dos anos. Fui treinando as letras da *Mãe*, uma por uma, primeiro por escrito, e depois no exercício de as pronunciar juntas. Já mulher adulta, compilava ainda páginas e páginas de exercícios. Como as crianças quando aprendem a escrever as letras, eu juntava sintagmas com as letras da palavra *Mãe*. Máquina Aventurosamente Enternecedora. Mais-valia Amorosa Elementar. Memória Ausente Elefantíaca. Moldando Ametistas Espirituais. E assim por diante. Cortejava por escrito a magia do nome, tentando habitá-lo e povoá-lo de significações com alguma luz dentro.

A palavra dita, no entanto, permanecia um som inútil, invertebrado, porque não correspondia a pessoa nenhuma, a nenhuma relação. Ao dizê-la, ficava-me pelo pudor do *M*, essa letra que, para ser pronunciada, pressupõe encerramento, uma fronteira entre dentro e fora: a boca selada a vedar a passagem do ar dos pulmões para o mundo, a obstruir a emissão do som. É assim que se pronuncia o *M*, de lábios fechados. Os lábios eram a minha janela fechada às recordações, uma barreira que só deixaria transitar a voz se eu lhe desse um impulso, mesmo que quase impercetível. Só que esse impulso, mal treinado, era engolido

continuamente por uma espécie de timidez cósmica. Assim, eu nunca me atrevia a abrir a janela da língua para me debruçar sobre a esplanada generosa que é este nome quando chega ao *A* e se abre para o sonoro. Foi necessário muito treino.

Aos cinquenta anos, depois de meio século de tentativas falhadas, pronuncio pela primeira vez, em plena consciência, a palavra *Mãe*. É aqui que a fábula começa.

*

Quando Ida Maria morreu, criou-se à volta da sua memória uma nuvem de interditos, uma espécie de tabu impenetrável. Para não alterar o equilíbrio da nossa vida familiar, eu não ousava quebrá-los. Por causa desse pudor, eu não transitava do segredo do *M* para a praça aberta do *A*. E, se a palavra mãe era um exercício impossível, Ida Maria era para mim uma perfeita desconhecida. Até que se tornou uma urgência, a única verdadeira urgência da minha escrita, ir à procura dessa mulher que estava na origem do meu cosmos, que pairava, invisível, sobre todas as palavras, mas que não era verbalizável.

Enquanto mãe, ela era um conceito indefinido. Enquanto pessoa, um enigma. Decidi então interrogar o enigma da mulher que era Ida Maria e a relação estabelecida entre nós pelas leis da maternidade. Convoquei-a para um diálogo. Eu e ela, a sós. Ambas mulheres crescidas, doravante.

.....

No pavilhão sonoro que podia ser a vida de Ida Maria, fui colocando no vazio, enquanto o palmilhava, microfones capazes de amplificar cada sinal que surgisse no percurso, cada sugestão ou murmúrio, passo após passo, numa aproximação sempre incerta, feita de iluminações e recuos. No fundo, queria apenas ouvir a voz da minha mãe. E conversar com ela.

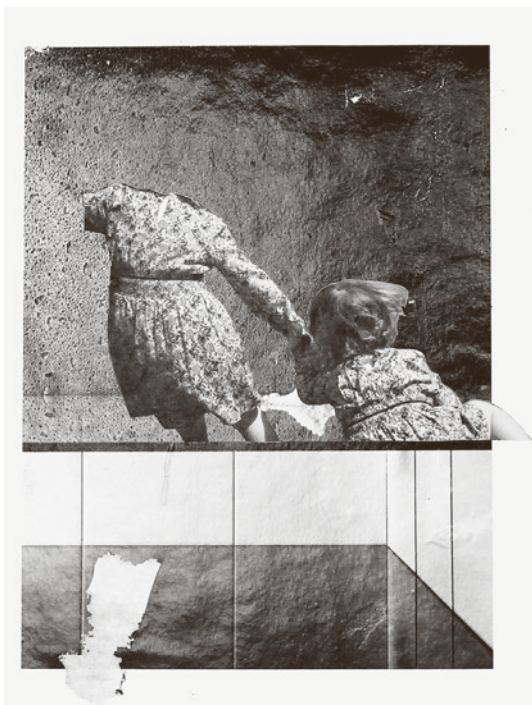
Para que a voz de Ida Maria viesse a manifestar-se, tive de dialogar com a mudez das coisas e estabelecer com ela uma intimidade. Uma prática diária e gradual de conversa. Fi-lo numa língua que, por ser estrangeira, me permite a necessária distância do universo que quero expor, diante de mim e das palavras.

A minha única língua materna será a que conseguir fundar nesta fábula, neste trajeto que vai de mim a Ida Maria, tocando as paisagens que em épocas diferentes fomos percorrendo, ela no seu tempo, e eu no encaicho dela.

*

O ponto de partida desta expedição ao território do inexprimível é uma colagem de Nina Fraser chamada *Escape*. Quando me encontrei com esta imagem, houve em mim uma detonação que demorei dias a verbalizar. O ruído interior que senti é o primeiro som desta história. «A pressão do indizível que se quer dizer», como escreveu Roland Barthes em *A câmara clara*. Graças a esse ruído, compreendi que o desassossego que a obra me causou era uma

ferida que eu devia habitar. Atravessar. Pego na mão de Ida Maria e deixo-me levar pelo imenso desamparo. Aqui vou eu.



É preciso saber pegar na mão dos signos, quando nos encontramos com eles a caminho da linguagem. Para atravessar o silêncio, é preciso tocar de perto o coração de cada signo, com mão segura, para que o corpo inteiro da vida possa caber nele. Procurar o coração do signo apenas faz sentido se conseguirmos, graças a ele, auscultar o coração do mundo, o nosso solo comum.

*

Eis-me então de mão dada com Ida Maria, a passear pela frescura luminosa de uma tarde à beira-mar. Está muito vento. O céu, azul-acinzentado, é mensageiro da primeira chuva de setembro — essa chuva que anuncia uma nova estação, nova viagem do tempo. Deitados na praia, os cascos dos velhos barcos de madeira transudam um cheiro densíssimo a humidade misturada com algas, restos calcários de rocha e líquenes. Os pescadores estenderam as redes a secar no passeio: assim, esticadas sob o sol da tarde, parecem vias infinitas de cor. Índigo e verde, vermelho, ocre: por essas vias passeamos, a minha mãe e eu. Os sentidos estão atentíssimos nesta fusão, no enlace dos dedos corre a força primitiva de dois corpos que querem pertencer-se. Vamos ver o mundo, vamos saber como é caminharmos juntas. *Dammi la mano!*

Ocupação da mãe

«Pouso o dedo no meu globo iluminado e percorro o mapa, até chegar a uma baía minúscula, um ponto quase impercetível no tecido do planeta. É o golfo onde nasci. A mulher que ali encontro é a minha mãe.»

No Sul de Itália, na década de 1970, uma mulher gravemente doente engravidada, e tem de tomar uma decisão drástica: continuar a tratar-se para sobreviver, ou interromper os tratamentos para dar à luz. O caminho que ela escolhe é condição de existência deste livro. Em *Ocupação da mãe*, Paola D'Agostino procura forjar uma língua partilhada entre mãe e filha, para construir a narrativa de um laço que nunca chegou a existir.

Face à ausência da voz da mãe, face ao silêncio instalado depois da sua morte, a autora cultiva a escuta e a contemplação. Coloca o ouvido na terra, procurando discernir o rumor surdo que a atravessa e unir pontos invisíveis da sua própria vida. Observa, como se perante uma fotografia, a condição feminina numa sociedade católica, conservadora, patriarcal, onde as escolhas são limitadas e os sonhos de liberdade, infindos.

Se não tivermos conhecido a nossa mãe, talvez nos falte para sempre uma língua materna, ou talvez fiquemos numa travessia sem começo nem fim. Este é um livro que põe em cena o desejo primordial de pertença e, paradoxalmente, o impulso permanente de mudança. A travessia, afinal, é contra o esquecimento.

não-ficção literária | 12



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

  [companhiadasletrasportugal](https://www.instagram.com/companhiadasletrasportugal)

ISBN: 978-989-589-845-9



9 789895 898459